

A PRÁTICA DO BULLYING NO AMBIENTE ESCOLAR

CRUZ, Eliara Silva da¹

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

MARTINIUK, Viviane Cristina²

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

RESUMO

Este estudo aborda a questão do bullying no ambiente escolar e procura analisar o conceito e as características do comportamento, bem como a possibilidade de intervenção por meio de atividades interessantes para melhorar a relação no ambiente escolar. O objetivo é compreender os conceitos e características das pessoas envolvidas no fenômeno, e identificar as formas e indícios de vitimização para identificar e atender as vítimas, e utilizar como meio os jogos e as atividades lúdicas desenvolvidas pela escola. de intervenção. Este estudo qualitativo envolve a análise de uma revisão de literatura que está em desenvolvimento e pode aprofundar as questões norteadoras do eixo temático relacionado a este estudo, o que é consistente com a temática relacionada à violência escolar. Porém, pesquisa traz uma reflexão sobre as grandes propostas de mudanças que podem ser desenvolvidas por meio de habilidades e ações de cooperação social, oportunizar integração, aprender a respeitar, conviver e reconhecer-se como colegas.

Palavras-chaves: bullying. Ambiente escolar. Assédio moral

ABSTRACT

This study addresses the issue of bullying in the school environment and seeks to analyze the concept and characteristics of the behavior, as well as the possibility of intervention through interesting activities to improve the relationship in the school environment. The objective is to understand the concepts and characteristics of the people involved in the phenomenon, and to identify the forms and indications of victimization in order to identify and attend the victims, and use as a means the games and playful activities developed by the school. of intervention. This qualitative study involves the analysis of a literature review that is under development and may deepen the guiding questions of the thematic axis related to this study, which is consistent with the theme related to school violence. However, research brings a reflection on the major proposals for change that can be developed through skills and actions of social cooperation, provide opportunities for integration, learn to respect, live together, and recognize each other as peers.

Keywords: bullying. School environment. Bullying.

1. INTRODUÇÃO

A temática sobre bullying vem tomando cada vez mais espaço dentro do ambiente escolar e fora dada a complexidade da agressão. Caracterizado como um fato social abrangendo a sociedade como um todo, o bullying atinge o espaço escolar e passa-se a se

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia do 4º ano – FAIT. E-mail: eliara.997655173@gmail.com

² Mestre pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Professora nas Faculdades de Administração e Pedagogia da FAIT. E-mail: vicma.prof@gmail.com

expressar no cotidiano por meio de preconceitos, intolerâncias e outras expressões. A violência atinge os territórios do entorno da escola e, por extensão, também se estende para dentro da escola em proporções crescentes.

Dessa forma, a violência escolar tem suscitado investigações não apenas em razão da contradição que ela representa em relação à missão educativa da escola, mas também pelas consequências a longo prazo que dela podem decorrer.

A palavra bullying é compreendida universalmente como um conjunto de comportamentos agressivos, repetitivos e intencionais sem motivo aparente, adotado por um ou mais alunos contra outro (a) causando angústia, dor ou sofrimento.

Fante (2005) destaca que outros países adotaram denominações distintas para este fenômeno: “mobbing” na Noruega e Dinamarca, “*mobbing*” na Suécia e na Finlândia, “*harcèlement quotidien*” na França, “*prepotenza* ou *bullismo*” na Itália, “*yjime*” no Japão, “*agressionem unter shülern*” na Alemanha, “*acoso y ameaza*” entre escolares na Espanha e “maus-tratos entre pares” em Portugal. Contudo, o termo bullying é conhecido mundialmente em prol de facilitar a comunicação entre povos.

Para que seja configurado bullying é preciso haver razão genuinamente ou por rebeldia marcante, vez a imprevisibilidade, pois não se sabe quando o ato acontecerá.

Chalita (2008, p. 81) ressalta que: “O fenômeno bullying não escolhe classe social ou econômica, escola pública ou privada, ensino fundamental ou médio, área rural ou urbana. Está presente em grupos de crianças e jovens, em escolas de países e culturas diferentes.”

Normalmente, as vítimas do bullying são aqueles que possuem alguma diferença em relação ao grupo, como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média ou dificuldades de aprendizagem. Segundo Neto (2006), a escola é de grande significância para as crianças e as que não gostam dela tem a maior probabilidade de apresentar desempenho insatisfatório, por estes motivos é que a aceitação por parte dos companheiros é fundamental para um bom desempenho escolar.

Nessa via, o professor como mediador, tem que estar sempre atento à essas ocorrências, seja presente e trabalhe com seus alunos o respeito mútuo, o diálogo, a justiça e a solidariedade, pois, em uma sala de aula com 28, 30 alunos é quase que impossível que não haja conflitos entre os pares.

No presente estudo transversal, exploratório, foi adotado como recurso metodológico a pesquisa bibliográfica de caráter de revisão de literatura, por meio de um levantamento

bibliográfico realizado no período de entre fevereiro a junho de 2021, de literatura nacional, sendo que para a consulta foi utilizado como banco de dados livros e a busca ativa de publicações na biblioteca eletrônica Z-Library e Google Acadêmico

O trabalho conta com a pesquisa de literatura e trabalhos acadêmicos publicados entre 1978 a 2021 relacionados a prática de Bullying no ambiente escolar, bem como os mesmos incidentes dentro do seio familiar. Como estratégia de busca, utilizou-se os seguintes termos: bullying, violência, rebeldia, ambiente escolar e família.

O objetivo geral desta pesquisa é tratar sobre o que a prática de bullying pode ocasionar dentro do ambiente familiar e quais as prerrogativas do professor inserido nessa situação.

2. O BULLYING: UMA ABORDAGEM

O bullying sempre existiu, porém, após pouco mais de três anos, tornou-se um tema de pesquisa. Apesar de estarmos envelhecendo, o que nos preocupa é o seu crescimento e a participação de crianças de todas as idades. Esse fenômeno se intensificou, pois, muitas pessoas que presenciaram os ataques de agressores e suas ações ficam impunes acabam adotando uma atitude semelhante, tornando-se ainda mais anormais e cruéis. Casos crônicos são combinados com altos níveis de violência e crime envolvendo nossos jovens, pois muitas pessoas não apoiam esses tipos de ataques (CHALITA, 2008).

Segundo Fante (2005, p. 29-30), devido ao aumento das taxas de suicídio de estudantes, as pesquisas científicas sobre o assunto foram iniciadas na Suécia na década de 1970 e na Noruega na década de 1980. No Brasil, as pesquisas e pesquisas só têm sido realizadas eliminadas, por isso é urgente conscientizar a nossa sociedade sobre esse fenômeno e seus problemas.

A autora também destaca que o bullying é uma forma de violência que causa sérios prejuízos, não só o ambiente escolar, mas também a sociedade, por meio da atitude de seus integrantes. A relação desestruturada por meio de comportamentos abusivos e intimidadores afeta a formação de valores e a formação da personalidade, que se refletirá na vida pessoal, nas esferas pessoal, profissional, familiar e social.

Segundo Martins (2005), vários são os conceitos existentes que envolvem a violência na escola, além dos citados, tais como conduta antissocial, distúrbio de conduta e bullying,

conceitos estes decorrentes de estudos realizados em diversas partes do mundo, revelando-se uma das grandes preocupações das sociedades industrializadas.

Para Chalita (2008), no processo educacional, pode levar à queda no desempenho escolar, desinteresse pela aprendizagem, desatenção e aprendizagem insuficiente. Ausências, falhas e evasões. No processo de socialização, ao prejudicar sua autoestima, as celebradas são novas de novas relações, dificultando a integração social. Muitas vezes não conseguem superar essa dificuldade em seu desenvolvimento acadêmico e se tornar adultos com probabilidade de sofrer de depressão ou comportamento compulsivo (FANTE, 2005, p. 33).

Na Dialética do esclarecimento, Adorno e Horkheimer (1985) asseveraram que o conhecimento positivista nascido no século XVIII é totalitário, na medida em que na busca pela dominação da natureza, pelo procedimento eficaz, pelo enaltecimento da disciplina, pela transformação da natureza em objetividade, pela busca de poder e controle, os homens pagam o preço da alienação daquilo sobre o que objetivavam exercer seu poder. E a ciência acaba por controlar os próprios homens, pois seu objetivo inicial de contribuir para a diminuição da fadiga, tanto na dimensão espiritual quanto na física, se verifica, uma vez que a técnica não é mais encarada como um produto da atividade humana e se transforma em sujeito, ao passo que os seres humanos que a produziram se tornam objetos.

Portanto, Fante (2005, p. 33) explica que muitas vezes essas crianças encontram dificuldades em suas vidas emocionais por não confiarem em seus parceiros. No ambiente de trabalho, podem ter dificuldade de se expressar, falar em público e lideranças, falta de concentração, insegurança, dificuldade em resolver conflitos, tomar decisões e tomar iniciativa. Quanto à educação infantil, eles projetam medo, desconfiança e insegurança nas crianças e, em muitos casos, tornam-se superprotetores.

Em termos de saúde, promovem diminuição da resistência imunológica e diversos sintomas psicossomáticos como dor de cabeça, tontura, náusea, vômito, dor epigástrica, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão e dores musculares, sono excessivo ou insônia, pesadelos, perda ou aumento do apetite, dores no corpo, etc. Além da participação de órgãos e sistemas, também podem ocorrer doenças psicossomáticas, como gastrite, úlceras, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios e obesidade.

2.1 Formas de manifestação do bullying

Barros, Carvalho e Pereira (2009) esclarecem que os comportamentos de bullying encontrados nas escolas possuem algumas características comuns: são comportamentos repetidos por uma determinada vítima durante um longo período de tempo; apresentam uma relação de poder desequilibrada, dificultando para a vítima para se defender.

Ocorre sem motivação óbvia; são comportamentos deliberados e prejudiciais. Nesse sentido, outra característica que precisa ser observada é que o bullying pode ocorrer de duas formas diretas e indiretas, tanto nojentas quanto prejudiciais à psicologia da vítima.

A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social (FANTE, 2005, p.50).

Para Martins (2005), o bullying pode se apresentar de duas formas: direta, incluindo as formas física e de linguagem, e indireta. Eles também acrescentaram que a agressão física é mais comum em meninos, enquanto a agressão verbal é mais proeminente em meninas.

Segundo Pereira (2008, p.29), as formas indiretas são mais difíceis de identificar e produzem “efeitos mais graves e, principalmente, mais duradouros”.

Lopes (2005, p.166) categoriza os fenômenos de bullying da seguinte forma: Bullying direto inclui apelidos, assédio, agressão física, ameaças, roubo e abuso; atitudes indiretas envolvendo indiferença, isolamento e calúnia e cyberbullying.

Nesse caminho, para Fante e Pedra (2008), o cyberbullying é um método virtual de bullying. Esta é uma forma de preocupar especialistas, pais e educadores em todo o mundo, pois tem um efeito multiplicador no sofrimento das vítimas. Na prática, as ferramentas modernas da Internet e outras tecnologias de informação e comunicação, como e-mail, aplicativos de mensagens e até mesmo redes sociais, ferramentas móveis ou fixas, são utilizadas para abusos.

Os autores também destacam que essa abordagem é uma forma anormal de ataque, que foi extrapolando a parede da escola para obter uma dimensão incomensurável. A diferença está nos métodos e várias ferramentas usadas pelos profissionais. Portanto, o bullying ocorre no mundo real, enquanto o cyberbullying ocorre no mundo virtual. Almeida, Correia, Esteves, Gomes, Garcia e Marinho (2008) destacaram que num estudo realizado e apresentado no IV

Congresso Mundial sobre o bullying através das novas tecnologias, procuraram determinar até que ponto essas práticas são utilizadas. A empatia e os padrões de desengajamento moral dos agressores, vítimas e observadores numa amostra de adolescentes portugueses que frequentam escolas do 7º ao 9º ano em duas cidades do norte e do sul do país estão relacionados.

Os resultados mostram que o cyberbullying é um fenômeno emergente, claramente relacionado à ampla utilização de novas tecnologias, embora os adolescentes tenham demonstrado pouca ou nenhuma consciência do possível impacto desses comportamentos.

2.2 Os ciclos de agressão do bullying

Para Olweus (1993) e Pereira (2008), as diferentes formas e papéis assumidos pelos participantes em casos de bullying (geralmente estudantes) podem ser definidos no perfil apresentado: agressor, vítima, vítima / agressor e espectador.

Porém, no entendimento de Antunes e Zuin (2008, p. 34), em todas as classes sociais, esses personagens ou atores são inseridos ou constituídos por meio do poder e da organização, e o bullying não é apenas uma forma de violência própria do ambiente escolar,

Como de fato, a violência é conceituada como bullying observada nas escolas e outros ambientes, como locais de trabalho, casas de família, militares, prisões, apartamentos residenciais, clubes e lares de idosos.

Nesse sentido, os participantes dessas manifestações violentas e agressivas podem ser identificados por meio dos diferentes papéis que cada pessoa assume ou desempenha, pois a definição desses papéis é muito clara, como mostra a figura, demonstrado por Neto (2006), na figura 1.

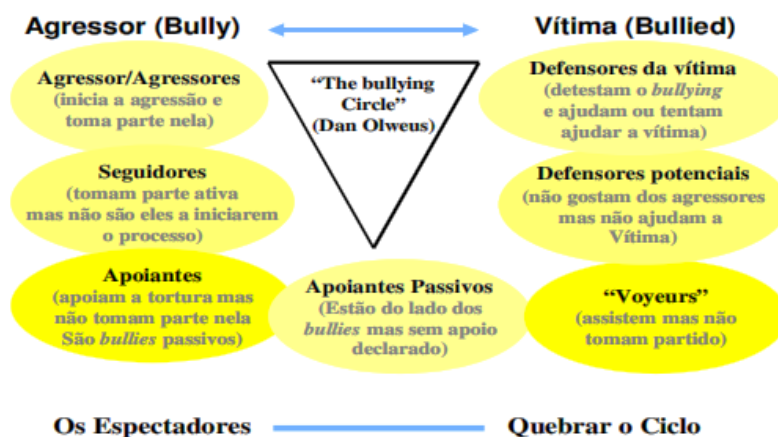


Figura 1. Ciclo da Agressão (NETO, 2006).

Para Griffin e Gross (2004) citados por Pinheiro (2006), o agressor acredita que todos devem cumprir seus desejos e, por falta de orientação ou educação, querem ser o foco das atenções. Mesmo no curto prazo, eles se sentirão recompensados por obter o status, poder ou material que desejam, por isso gostam de estar nessa posição ou função em ações em que a vítima é ameaçada, invadida ou ridicularizada. A longo prazo, as consequências de um agressor podem ser catastróficas, como o envolvimento em violência doméstica, crime ou outros crimes graves.

Figueira e Neto (2002) enfatizam que as vítimas geralmente são vulneráveis, sentem-se desiguais ou magoadas, dificilmente procuram ajuda e demonstram desinteresse, medo ou falta de vontade de ir à escola. Em comparação com aqueles que não são vítimas deste comportamento violento, muitos dos problemas vividos pelas vítimas de bullying têm maior probabilidade de desenvolver sintomas de depressão e baixa autoestima na idade adulta, mesmo depois de deixarem a escola.

Pereira (2008) cita Parker e Asher, no que se refere a exclusão social, cujas identidades experimentadas são indicadores confiáveis de adaptação durante a adolescência e a idade adulta. Além dos efeitos de longo prazo, também preocupa, principalmente os relacionados à autoestima e à capacidade de interagir com outras pessoas.

Nogueira (2005, p. 101) também destaca que, ao mesmo tempo, para observadores ou não participantes, tornam-se observadores de fatos violentos, aprendem a conviver com eles e calam-se, e tornam-se testemunhas de comportamento de bullying, geralmente sem participação direta. tem sentimentos extremamente negativos sobre os fatos observados. Na

identificação do agressor e da vítima, ambos devem ser orientados. Você deve lembrar seus pais e estar ciente de que os filhos deles,

Antunes e Zuin (2008) enfatizam que o impacto do bullying sobre cada participante tem se generalizado, dependendo da situação ou da função. Eles admitem que o bullying envolve aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos e pessoais. O indivíduo refere-se ao desenvolvimento da personalidade no meio em que o sujeito está inserido, e a cultura social restringe o desenvolvimento do sujeito em uma direção específica, ou seja, é a condição objetiva dessa violência entre as pessoas.

2.3 Vítimas e agressores do bullying no ambiente escolar

Para Cerezo (2001), o bullying requer pelo menos dois protagonistas que interagem no contexto: o agressor e a vítima. Desse modo, a interação entre o agressor e a vítima pode ser considerada uma forma de relacionamento, pois em situações de bullying, costuma envolver os mesmos participantes ao longo do tempo (LADD et al., 2004, p. 398).

Costa e Vale (1998) explicaram que as vítimas exibiam comportamentos e atitudes não agressivas e geralmente se opunham à violência e às estratégias violentas.

Para Olweus (1993a; 1993b), diante do bullying, as vítimas têm medo da escola porque a consideram um local desagradável e inseguro. Isso se refere à frequência de se tornarem vítimas, que diminui com a idade. No entanto, Pereira (2008) enfatiza o caráter persistente e deliberado do comportamento agressivo, que causa distúrbios cotidianos e prejudica o desempenho escolar da vítima, podendo estar relacionado a consequências ao longo da vida, assim como a depressão na vida adulta.

As vítimas se tornam adultos inseguros, têm pior autoestima e são mais propensas a cair em depressão. Algumas vítimas acabaram cometendo suicídio, enquanto outras também se tornaram violentas. Por meio das relações muito específicas que mantêm e aprendem, como o desrespeito às regras e normas da vida social, os agressores acabam entrando na vida antes do crime e, mais tarde, se envolvem em problemas de comportamento, drogas, álcool e crime, e muitas vezes acabam preso (OLWEUS, 1993a, 1993b; MARQUES et al., 2001).

Os agressores costumam usar seu desequilíbrio físico ou emocional para intimidar os fracos. Eles geralmente são arrogantes e envolvidos em confusão e mal-entendidos. Eles

podem ser alunos com excelente liderança e habilidades persuasivas, que usam suas habilidades para empurrar os outros para seus próprios campos (FANTE, 2005)

Pereira (2008) destacou que os agressores têm grande confiança em si mesmos e não têm medo, muitas vezes apresentam tendências agressivas devido as histórias e fatos que aparecem nas relações familiares.

Neto (2006) mostrou alguns dos sinais mais comuns de vítimas de bullying:

- Recuse-se a ir para a escola com qualquer desculpa;
- Apresentam comportamentos tristes, melancólicos e dolorosos (choro, estresse, impulsividade, etc.);
- Encontre rotas alternativas no caminho de ida e volta para a escola;
- Estranho declínio no desempenho acadêmico, notas baixas e dificuldades de aprendizagem;
- Reduz a interação social com os colegas e fica isolado;
- Os pais pedem dinheiro sem razão;
- Arranhões e cortes irracionais frequentemente aparecem;
- A aparência dos pertences pessoais danificados;
- Queixas de mal-estar geral (fadiga, dor de cabeça, dor de estômago, etc.)

2.4 Os desafios ao ambiente escolar e seus responsáveis

Antunes e Zuin (2008) destacam que a educação, sem dúvida, é um caminho para a superação da barbárie, no entanto, carrega ainda atualmente os momentos repressivos da cultura, como a divisão entre o trabalho físico e o trabalho intelectual e o princípio da competição que é contrário a uma educação realmente humana. Ou seja, a educação atual não avança em modelos ideais de um indivíduo autônomo e emancipado conforme as concepções kantianas, mas explicita as relações de heteronomia estabelecidas no mundo para além dos muros escolares.

Para Adorno (2003), pensamento e prática educacionais devem estar na direção de produzir uma consciência verdadeira, em que as ações possam ser de fato frutos da razão daqueles que, emancipados, tornam-se capazes de tomar as rédeas das esferas pública e privada de suas próprias vidas.

Fante e Pedra (2008) enfatizam que uma vez que a violência entra na escola, muitos diretores e professores se perguntam: O que deve ser feito? Em resposta aos problemas de bullying encontrados, o autor propõe algumas medidas, procedimentos e encaminhamentos.

Para os autores citados, é preciso primeiro perceber que a violência é um problema social, pois a escola tem papel fundamental na redução da violência por meio de ações e planos preventivos, buscando parcerias com os familiares dos alunos e envolvendo-os na problemática. Cada escola deve formar um comitê ou equipe que possa articular políticas de prevenção e treinar seus profissionais para atuar com segurança e sem correr riscos.

Neto (2006) enfatiza que é importante que os representantes das escolas ouçam e prestem atenção às queixas, depoimentos e reclamações dos alunos quando se referem à violência. Além disso, a escola deve manter registros de toda e qualquer reclamação para identificar os perpetradores e as vítimas do incidente. Após a inscrição, deve-se atentar para a intensidade, duração e frequência que ocorreu, e se os alunos são iguais. Nesse processo, é importante comunicar as observações ao chefe da agência, diretor, docente ou coordenador da disciplina, para que o memorando possa atuar diante da violência comum no cotidiano escolar.

Para Fante (2005), especificamente, dados dessa realidade escolar, como questões relacionadas à violência devem ser tratadas e suportar uma nova forma para fortalecer o agressor e proteger a vítima de fontes externas relacionadas ao agressor e à violência.

O impacto das ações. Portanto, a partir da realidade dessa forma, a escola não deve tratar os desiguais com igualdade, mas sim ter como objetivo o ensino, valorizar a diversidade, valorizar os aspectos que refletem como diferenças na sala de aula; apesar das diferenças, respeitam os alunos porque essa é a vida deles, sendo a única forma de desenvolver os valores normais (ANTUNES; Zuin, 2008).

Portanto, as instituições devem investir em formas de atrair familiares ou responsáveis dos agressores para a escola, para que por meio dessa parceria, além do (re) posicionamento, haja grande possibilidade de mudança no comportamento agressivo e no ambiente escolar dos alunos (NETO, 2006).

As escolas devem buscar atingir os objetivos que definem os casos de bullying com base na situação, seguir a realidade e cotidiano do agressor ou vítima, de forma a estabelecer o comportamento positivo ideal, e observar a realidade cultural e social do estudante (GUIMARÃES, 2009).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escolas, famílias e sociedade devem ter grande importância ao bullying porque é um fator violento que mostra a desigualdade e a injustiça social, assim como a pressão psicológica ou física do agressor, a ignorância e diferenças degradantes e a pressão física. Problemas emocionais de curto e longo prazo, que podem levar a dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais.

Tendo em vista os aspectos observados, somos levados a acreditar que o bullying é um tema que abrangente e merece guarida por meio de reflexões, principalmente, quando este fenômeno se faz existente no ambiente escolar e, assim, é perceptível a dificuldade dos docentes entre outros participantes no ambiente escolar, lidar com essa prática agressiva. Toda a comunidade escolar passa a estar diretamente envolvida dentro desse cenário.

Inicia-se pela família, que é o fator de suma importância na vida dos alunos, para que esse tema seja evitado dentro do ambiente escolar. A família precisa estar à par desse comportamento para saber identificar caso ocorra isso dentro de casa e juntamente com o professor e toda gestão escolar, investigar as formas preventivas para saber enfrentar todos os tipos de violência dentro do ambiente escolar.

Em virtude de tudo o que fora descrito neste trabalho, conclui-se que o bullying é uma violência que resulta em sérios prejuízos não somente no ambiente escolar, mas também na sociedade, por meio das atitudes dos membros. Tais comportamentos tendem a apresentar dificuldades na vida sentimental de cada indivíduo, atrapalhando o mesmo ao aprendizado na vida acadêmica.

Acredita-se que este tema, por meio de sua reflexão, de forma conjunta entre os órgãos governamentais, sociedade e instituição escolares, será possível traçar os elementos norteadores que orientem a prevenção do bullying nas escolas.

4. REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. **Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação**. Revista Psicologia e Sociedade, 20 (1), 33-42, 2008.

ALMEIDA, A., CORREIA, I., ESTEVES, C., GOMES, S., GARCIA, D. MARINHO, S. **Espaços virtuais para maus tratos reais:** as práticas de cyberbullying numa amostra de adolescentes portugueses. Astor, R. A., Debardieux, E. e Neto, C. (editores). IV Conferência Mundial. Violência na Escola e Políticas Públicas. Cruz Quebrada: FMH, 2008

BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite. **Um estudo sobre o bullying no contexto escolar.** IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, de 26 a 29 de outubro de 2009 – PUCPR. Disponível em: <http://repositorium.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>

CEREZO, R. F. **Condutas agressivas na idade escolar.** Lisboa: McGraw-Hill, 2001.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade-bullying:** o sofrimento das vítimas e dos agressores. São Paulo: Gente, 2008.

COSTA, M., VALE, D. **A violência nas escolas.** Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1998.

FANTE, C. **Fenômeno bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, C., PEDRA, J. A. **Bullying escolar:** perguntas e respostas. Porto Alegre: Artemed, 2008.

Figueira, I.; Neto, C. **Bullying:** o problema de abuso de poder e vitimização de alunos em escolas públicas do Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado, Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, Minho, Portugal, 2002.

GUIMARÃES, J. R. **Violência escolar e o fenômeno ‘bullying’.** A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes. 2009. Disponível em: <http://jusvi.com/artigos/41126>. Acesso em: 16 jun. 2021.

LOPES, N. A. A. **Bullying:** comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal Pediatria*. Rio de Janeiro, 2005.

MARQUES, A. **A intervenção no recreio e a prevenção de comportamentos antissociais.** In. B. Pereira, A. P. Pinto (eds), *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir*, p. 183-195. Edições Asa, 2001.

MARTINS, M. J. D. **O problema da violência escolar:** Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(1), 93-105, (2005).

NETO, A. A. L. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5 (supl.), p. S164-S172. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggsGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2021.

NOGUEIRA, R. M. C. del P. de A. **A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas.** Revista Iberoamericana de Educación, 37, pp. 93-102, 2005. Disponível em: <http://www.rieoei.org/rie37a04.htm>. Acesso em 19 jul. 2021.

PEREIRA, B. O. **Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças.** Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação Para a Ciência e Tecnologia, 2. Ed. 2008.

PINHEIRO, F. M. F. **Violência intrafamiliar e envolvimento em “bullying” no ensino fundamental.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos: UFSCar, 2006.

OLWEUS, D. **Bullying e comportamento ameaçador entre as crianças em idade escolar.** Madri: Ediciones Morata, 1993a.

OLWEUS, D. **Bullying na escola.** O que sabemos e o que podemos fazer. Oxford: Blackwell, 1993b.